

NATUREZA E SOCIEDADE: EM BUSCA DE UMA GEOGRAFIA ROMÂNTICA¹

NATURE AND SOCIETY: IN SEARCH A ROMANTIC GEOGRAPHY

NATURALEZA Y SOCIEDAD: EN BUSCA DE UNA GEOGRAFÍA ROMÂNTICA

Eduardo MARANDOLA Jr.²

RESUMO: As relações natureza-sociedade estão no cerne das preocupações contemporâneas sobre os problemas ambientais, tendo a geografia, como ciência, participado destas discussões ao longo de toda modernidade. Uma das dimensões desta preocupação, que se abre ao diálogo interdisciplinar, é a centralidade da experiência geográfica na compreensão dos fenômenos. Esta, embebida de um sentido fenomenológico, em um primeiro momento, mas em relação direta com uma renovação do sentido romântico da relação Homem-Terra, visa contribuir para o pensamento ambiental contemporâneo com uma geografia vivida, existencialmente significada e que para além de sua circunscrição científica, permeie todas as dimensões das relações entre Terra, homens e seres.

Palavras-chave: experiência geográfica; fenomenologia; romantismo

ABSTRACT: Nature-society relations are at the heart of contemporary concerns about environmental issues, and geography as a science has participated in these discussions throughout modernity. One of the dimensions of this concern that opens up to an interdisciplinary dialogue is the centrality of the geographical experience in the understanding of phenomena. At first, when imbued with a phenomenological sense but in direct relation with a renewal of the romantic sense of the Man-Earth relation, the geographical experience aims to contribute to the contemporary environmental thinking with a lived geography, existentially signified and that beyond its scientific circumscription permeates all dimensions of the relations among Earth, men and beings.

Keywords: geographical experience; phenomenology; romanticism

RESUMÉN: Las relaciones naturaleza-sociedad están en el centro de las preocupaciones contemporâneas sobre los problemas ambientales, siendo la geografía, como ciencia, participe de estas discusiones a lo largo de toda la modernidad. Una de las dimensiones de esta preocupación, que se abre al diálogo interdisciplinar, es la centralidad de la experiencia geográfica en la comprensión de los fenómenos. Esta, embebida de un sentido fenomenológico, en un primer momento, pero en relación directa con una revolución del sentido romântico de la relación Hombre-Tierra, pretende contribuir para el pensamiento ambiental contemporâneo con una geografía vivida, existencialmente significada y que más allá de la circunscripción científica, impregne todas las dimensiones de las relaciones entre Tierra, hombres y seres.

Palabras-clave: experiencia geográfica; fenomenología; romanticismo

1 Texto-base para a Aula Inaugural do Curso de Geografia da Universidade Federal de Alfenas, proferida no dia 09 de Março de 2015. A versão apresentada aqui foi revisada e ampliada.

2 Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
eduardo.marandola@fca.unicamp.br.

SOBRE GEOGRAFIAS

A preocupação com as relações entre natureza e sociedade perpassam os séculos. Repensada ou despensada (à maneira de Manoel de Barros), ela ocupou filósofos, literatos, cientistas e foi preocupação corrente em diferentes momentos da história e em diferentes lugares, ganhando contornos muito variados.

O que costumamos chamar de questões ambientais, no entanto, referem-se a um determinado tipo de reflexão que foi engendrada a partir do século XX, já no contexto dos impactos do desenvolvimento do mundo urbano-industrial e dos efeitos produzidos pela capacidade ampliada do homem de provocar o cataclisma não apenas de sociedades, mas de ecossistemas e, por fim, do planeta (PORTO-GONÇALVES, 2004; MARQUES, 2015).

A geografia é uma das ciências que pode ser considerada precursora deste tipo de preocupação. Mesmo antes da formulação da famigerada questão ambiental, ela se propõe ao estudo das relações natureza-sociedade, participando ativamente desde o início das discussões e preocupações modernas com o ambiente (MONTEIRO, 1981; BECKER, 1995; LOWENTHAL, 2003).

Esta participação se deu em todos os campos da disciplina. Desde os estudos de geomorfologia, climatologia ou biogeografia, que ampliam sua perspectiva para além das relações propriamente naturais dos contextos geográficos (HOLDGATE; WHITE, 1977; BURTON; KATES; WHITE, 1978; MONTEIRO, 2002; GUERRA; CUNHA, 2010), em direção aos estudos de orientação social com base marxista, que reclamam a necessidade de compreender a produção social do espaço geográfico (TRICART, 1953; 1956; PORTO-GONÇALVES, 1989; PINGEON, 2005), até as perspectivas humanistas da percepção, dos valores e da experiência ambiental (SAARINEN, 1969; TUAN, 2013a; DEL RIO; OLIVEIRA, 1996), os geógrafos participaram ativamente de todas as frentes destes estudos.

Interessa-me especificamente nesta reflexão o último grupo destes estudos, que estão focados nas perspectivas perceptivas e fenomenológicas da experiência geográfica. Tais estudos são muito importantes para o conjunto dos estudos ambientais por terem para tensionar as perspectivas que nascem muito pragmáticas, voltadas para a avaliação e a gestão de riscos e perigos (KATES, 1978) e, mesmo incorporando elementos da dinâmica social e política (WISNER, 2004; SMITH, 2004), tendem a considerar as questões ambientais por uma perspectiva estrutural-pragmática dominante. A experiência dos problemas ambientais, como consequência, é considerada apenas como efeito e não como constituinte do conjunto de elementos que permitem a compreensão da problemática, muito menos ligado às suas soluções.

Inicialmente, muitos estudos voltados para a percepção também assumiam tais premissas, embora reconhecessem que era importante conhecer a percepção para melhor intervir e potencializar a eficiência do planejamento (SAARINEN, 1969; BURTON; KATES; WHITE, 1978; JOHNSTON, 1986). No entanto, a partir dos anos 1960, no bojo de tais preocupações, surge no âmbito da geografia estadunidense um grupo de pesquisadores que estão preocupados com a percepção e os valores em si, contribuindo para a construção de outra perspectiva de consideração da percepção nos estudos ambientais e geográficos.

Estes geógrafos buscam compreender a geografia com “g” minúsculo, ou seja, a geografia como **fenômeno da experiência**, como expressão do próprio **mundo-da-vida** (o **Lebenswelt** husserliano). Esta preocupação de trazer a geografia para a Geografia com “G” maiúsculo (disciplina acadêmica), permeia o trabalho de tais pesquisadores, resultando em uma outra maneira de compreender a questão ambiental, ancorada em outra compreensão de ciência da própria relação natureza-sociedade. Trata-se, para alguns de uma ciência existencial, à maneira de Heidegger (2009), dando centralidade ao sentido próprio do habitar a terra e seu sentido poético (GRATÃO, 2008; 2009; BERNAL, 2015; DE PAULA, 2010; 2016).

Assim, salvo quando eu indicar o contrário, sempre que eu mencionar a “geografia” estarei me referindo à geografia como fenômeno do mundo, como aspecto da nossa própria experiência cotidiana, parte de nossa existência (MARANDOLA JR., 2012). Não apenas uma forma de explicar e descrever o mundo, mas uma das maneiras como nós mesmos, e todas as outras coisas, existem e se manifestam neste mundo.

Esta geografia abre um canal de comunicação muito mais eficiente de diálogo com outros saberes e disciplinas acadêmicas preocupadas com as questões ambientais. Meu intuito ao escolher fazer esta fala com este prisma é, portanto, para convidar os leitores a pensar na geografia de forma ampla e irrestrita: ela nos envolve, desde o nascimento, e tudo aquilo que pensamos e somos está nela implicada. Ela é, na realidade, o fundamento da própria ciência geográfica, razão pela qual sua importância não deve ser negligenciada para compreendermos mais profundamente a própria Geografia científica.

Esta geografia apresenta-se como uma necessidade para o pensamento ambiental contemporâneo, reclamando a necessidade de repensar a maneira como nos relacionamos com a Terra, com a natureza e com a própria sociedade.

Para tal intuito, portanto, pretendo desdobrar inicialmente o sentido de geografia como experiência, a partir da ideia de espírito geográfico, passando pela contribuição da geografia humanista e da fenomenologia na compreensão da experiência geográfica, chegando, por fim, na proposta de uma geografia romântica, enquanto postura contemporânea de enfrentamento aos problemas ambientais.

O ESPÍRITO GEOGRÁFICO: VONTADE DE GANHAR O MUNDO

Uma das perguntas que professores do primeiro período gostam de fazer aos estudantes é: “por que escolheu fazer o curso de geografia?”

Mas algo que me recordo vivamente daquela minha primeira semana é que a resposta que se repetia sempre era: “Por que gosto de viajar”. Havia uma certeza em todos nós de que o curso de Geografia seria repleto de viagens e isso implicava conhecer lugares diferentes, passar por paisagens deslumbrantes e ampliar nossa perspectiva de mundo.

Esta vontade de viajar e de conhecer outros lugares é o que muitos geógrafos chamam de **espírito geográfico**. Este, como uma vocação, não seria ensinado nos cursos de geografia nem estaria limitado aos geógrafos profissionais. Ao contrário, ele seria algo comum a muitas pessoas, que o exercem mesmo sem qualquer formação profissional.

Vou dar alguns exemplos.

O grande geógrafo estadunidense do segundo e terceiro quartéis do século XX, Carl Sauer, afirmava que ser um geógrafo, de certa forma, já nasce conosco. Há uma propensão original, uma vocação, ou uma predileção precoce, como assinala em um belíssimo texto, que recomendo a leitura, “A educação de um geógrafo”, original de 1956. Nele, Sauer (2000) afirma que dentre as características que marcam os geógrafos, mesmo antes destes receberem a sua formação específica, está um gosto irresistível por mapas (“estamos de mãos vazias sem eles”), um espírito viajante (mas não como aquele dos turistas, mas um viajante que busca compreender os lugares por onde passa) e a observação constante da paisagem, que está sempre sendo lida, interpretada e também admirada.

Esta curiosidade e vontade de conhecer também foi apontada por outro grande geógrafo estadunidense, John K. Wright, em um famoso discurso que proferiu para a Associação dos Geógrafos Americanos (AAG), em 1946. Wright (2014) afirma que o geógrafo possui uma vontade inata de percorrer os lugares e conhecer as terras desconhecidas (*terrae incognitae*). A este desejo ele denomina de **libido geográfica**: uma vontade, um desejo, uma gana guiada pela imaginação, de estar onde nunca se esteve, de admirar paisagens, de vencer montes. Há, portanto, um sentido estético vinculado a este desejo, uma verdadeira sensibilidade estética, segundo Wright, às impressões das formas terrestres e das próprias construções humanas (como a cidade), deixam em nós, levando-nos à viagem e a novos e diferentes lugares.

Esta libido, por vezes, se manifesta mistura com a própria paisagem, ou mesmo nas forças conflitantes entre o repouso em casa e aquilo que o impulsiona adiante, motivando a pôr-se em movimento. A viagem, neste sentido, é colocar em movimento a própria possibilidade do conhecimento geográfico, por entre mundos: não apenas os existentes, mas também aqueles que são criados ou mobilizados a partir do deslocamento que é, em última instância existencial (GALVÃO, 2016).

Todos os viajantes sentem têm esta libido muito eriçada. A paisagem é um convite ao olhar, mas também aos demais sentidos: o cheiro, os sons, a tentação da caminhada que transpõe uma vertente para se descobrir o que há do outro lado. Aclives, declives, morros e vales sempre nos instigam, nos convidam a ir adiante, a perscrutar o que há depois da próxima curva, a mirar ao longe.

A planície ou o mar, ao contrário, nos provoca amplitude e imensidão (SAINT-EXUPÉRY, 2006). Convida ao perder-se sem fim pela ausência de resistência ao olhar, enquanto o corpo vaga sem direção, solto. O horizonte se move com o corpo e se deseja encontrar um côncavo, um canto, um abrigo.

O viajante que atravessa paisagens é provocado pelos contrastes e pelas transformações: o movimento impulsiona à frente, diante do deslocamento do olhar e do corpo pela paisagem que nos convida, seduz, prende e maravilha. Wright (2014) destaca bem este ponto, quando afirma que o científico e o estético estão muito próximos, entrelaçados na verdade, o que significa que o que motiva o viajante ou o apreciador da natureza também expressa este entrelaçamento.

Estes autores, de uma forma ou de outra, estão se referindo à geografia vivida, ou experiencial: à geografia como fenômeno da vida. Esta geografia, que estou chamando aqui de com “g” minúsculo, é o reconhecimento de que para além da ciência, há conhecimento geográfico

espalhado pelo mundo, no nosso cotidiano, no dia-a-dia. Mais do que isso, que este conhecimento não apenas é válido como necessário à ciência geográfica, mas é fundamental para compreendermos de forma mais plena os fenômenos e nossa relação com o ambiente.

É como o geógrafo francês Éric Dardel afirmou, em 1952:

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia vivida em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. (DARDEL, 2011, p.01)

Em seu livro, **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**, Dardel defende esta geografia vivida em ato face à objetividade excessiva da ciência moderna. Para ele, esta geografia tem sua expressão máxima no vínculo de cumplicidade fundamental do Homem com a Terra. Um vínculo que passa pelo amor à terra natal ou pela busca de novos ambientes, mas também a uma hermenêutica da Terra, uma verdadeira decifração de sua linguagem. Este entrelaçamento, que expressa a essência da geografia como relação ele denominou **geograficidade**.

Para Dardel, a geograficidade é a própria maneira como se desenvolve o destino do homem: ligado inexoravelmente à Terra. Tudo é consequência desta relação ou da forma como esta relação se opera, afinal, somos seres terrestres. A maneira como o homem vive e convive em seu mundo circundante, para Dardel, é o fundamento da experiência, que é geográfica indelevelmente.

Assim, conhecer a terra, viajar, é uma forma de conhecer a nós mesmos.

E vice-versa.

EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA: GEOGRAFIA HUMANISTA E FENOMENOLOGIA

Habitar nossa casa, deslocar-se pela cidade, viajar, apreciar uma paisagem, comprar um produto, trabalhar, estudar, casar-se, ter filhos, tudo aquilo que fazemos cotidianamente, nesta perspectiva, tem significado geográfico. Mais do que isso, estas ações cotidianas revelam os sentidos destas geografias, pois são **experiências geográficas**, ou seja, experiências geograficamente significadas e contextualizadas.

Esta experiência geográfica é pré-científica, ocorrendo cotidianamente para qualquer pessoa. A Geografia, como ciência, optou inicialmente por deixar de lado esta riqueza de conhecimento geográfico. Como ciência moderna, constituída no século XIX, assumiu que só lhe interessava dados objetivos oriundos de uma racionalidade específica: a científica (JOHNSTON, 1986; DARDEL, 2011). Tudo aquilo que era vivido por pessoas diversas, inclusive os próprios geógrafos, foi sendo censurado e considerado como fora do escopo de interesse de um geógrafo profissional.

Mas isso, a bem dizer, não durou muito. Já nos anos 1970, de forma regular (reverberando alguns movimentos anteriores) estes conhecimentos desperdiçados pela geografia moderna passaram a ser estudados e considerados como parte fundante e fundamental do conhecimento geográfico (LOWENTHAL, 1982; TUAN, 2013a).

Desenvolveu-se aquela que passou a ser chamada de Geografia Humanista, que era, nada mais, que um movimento de geógrafos, inicialmente estadunidenses, que buscava resgatar a

conexão da geografia com as humanidades, a filosofia e as ciências humanas e sociais em geral (HOLZER, 2016). Mais do que isso, estes geógrafos buscavam recolocar o conhecimento vivido da experiência geográfica de volta ao campo de preocupações dos geógrafos. Para estes, a geografia moderna, de base positivista (ou neopositivista, para sermos mais precisos), havia afastado a geografia do **lócus** mais elementar de onde brota todo o seu sentido: a **experiência do ser-no-mundo** (RELPH, 1985).

Mas a geografia moderna havia gerado outras profundas cisões. A separação entre sociedade e natureza, ou homem e terra; o material e o imaterial; a ciência e a arte; o espaço e o tempo; o objetivo e o subjetivo; e assim por diante (GOMES, 1996). Estas separações produziram, na Geografia, uma cisão drástica e dramática: a Geografia Humana de um lado, a Geografia Física de outro. Duas faces da mesma geografia tratadas como se fosse estranhas uma à outra.

No entanto, do ponto de vista da experiência, estas cisões não se sustentam. Na experiência, estes elementos estão intrinsecamente misturados, na compreensão do filósofo Michel Serres, em uma mistura elementar que se concretiza nos corpos que são uma constituição alquímica (SERRES, 2001). Este é o fundamento da própria relação sociedade-natureza, fenomenologicamente compreendida (MALY, 2009).

É por isso que geógrafos humanistas foram buscar apoio na fenomenologia, uma das mais importantes filosofias do século XX, para repensar a geografia vivida, experiencial, como maneira de superar estas dicotomias e fragmentações provocadas pela modernidade. A fenomenologia embasa uma leitura contextual fundada no acontecer fenomênico, ou seja, na manifestação ou presentificação dos fenômenos na experiência do ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2012).

Yi-Fu Tuan, um geógrafo sino-americano, foi um dos grandes autores a desenvolver, ao longo de seus mais de 50 anos de trabalho, a Geografia Humanista. Ele aponta, em livro recente de 2012 (**Humanist geography: an individual's search for meaning**), o sentido da articulação entre estes dois termos: humanista se refere ao indivíduo, às pessoas, seus valores, percepções, experiências; geografia se refere à comunidade, ao coletivo, ao sentido de grupo (TUAN, 2012b). Assim, a Geografia Humanista, para ele, busca reacender a esfera da experiência (do indivíduo) na compreensão dos fatos geográficos, já que a ciência geográfica havia ignorado a maneira como os fenômenos afetam as pessoas em seu cotidiano.

Mas não seria esta uma maneira escapista de enfrentar as questões, refugiando-se no indivíduo e suas idiossincrasias? Não seria o caminho fácil do niilismo e do relativismo extremado?

Examinemos a questão.

A experiência, para um geógrafo humanista, não é tomada como objeto de estudo. Na verdade, a experiência é a **escala de compreensão dos fenômenos** (MARANDOLA JR., 2016). Isso significa que os fenômenos são de diferentes escalas e têm processos muito distintos de constituição, distribuição e difusão. Por exemplo, como podemos relacionar as mudanças climáticas globais, que envolvem a escala planetária e um entrelaçamento de dinâmicas biofísicas com todo o sistema produtivo globalizado, incluindo os padrões de consumo e a matriz energética mundial? Misturam-se quantas escalas e processos nesta problemática?

É quase impossível articulá-las, pois temos que pensar na forma como se constituiu o

industrialismo, as normatizações internacionais que regulam o comércio, a globalização, que permite uma certa maneira de distribuição de recursos e das matrizes produtivas, dissociando mercado consumidor da produção, o desenvolvimento de tecnologias, os monopólios das tecnologias, os marcos reguladores do uso dos recursos naturais, os padrões de consumo, os desejos da população, as novas tendências da moda, a forma das cidades, as escolhas dos modais de transporte, a matriz energética...

Elencar todas estas dimensões é quase impraticável. Mas ainda não falamos da variabilidade climática, das escalas do clima, do microclima urbano, da alteração do regime de chuvas, das mudanças no uso e cobertura da terra, das mudanças na biodiversidade, na elevação do nível do mar, na erosão marinha, na morte e desaparecimento da fauna marinha, da ausência de peixes em comunidades de pescadores tradicionais, nos desastres hidrometeorológicos, na poluição do ar, no aquecimento e mudança do zoneamento agrícola, no aumento dos agravos à saúde...

Está complexo o suficiente? Cada fenômeno listado se manifesta de uma maneira, sendo produzido e distribuído em escalas específicas, entrelaçadas com outras, em dinâmicas que se contrapõe, se superpõe, se articulam ou não. Como apreender tudo isso? A partir de qual escala? Dos fenômenos sociais ou dos fenômenos da natureza? Partindo do macro em direção ao micro?

O que a Geografia Humanista propõe, portanto, não é pensar todas estas questões a partir do nível individual. Ela propõe, na verdade, uma escala para compreender as articulações entre estas várias escalas: a própria **experiência**, na qual não se parte de nenhuma dicotomização (MARANDOLA JR., 2016).

Afinal, em todas estas questões, é justamente a maneira como tais fenômenos aparecem para as pessoas e afetam seu dia-a-dia que é ignorado. Nos ocupamos tanto em tentar explicar os processos constitutivos da mudança climática, por exemplo, mas não nos preocupamos em saber como aquilo afeta a vida diária das pessoas e quais valores, imagens e ações elas tomam face a tal problemática.

É interessante como somos capazes de discutir a questão da moradia e do déficit habitacional, por exemplo, sem nos perguntarmos “que é habitar?” ou sem nos atentarmos para qual é a experiência de morar das pessoas, nas cidades ou no campo (DE PAULA, 2010; MARANDOLA JR., 2014). Usamos dados muito facilmente para dizer que há precariedade de habitação (o que implica hierarquizar as melhores e as piores) mas não nos preocupamos em saber como é, para quem ali vive, sua experiência de lugar (e o sentido próprio de sua escala de valores). Utilizamos nossos próprios valores objetivos e impomos às pessoas, com a certeza de que sabemos mais do que elas sobre sua própria condição de vida.

A vida é bem mais do que ter condições materiais de sobrevivência. É preciso ter qualidade, mas não uma qualidade baseada em critérios externos à própria experiência. É preciso ter sonhos, é preciso ter arte, é preciso ter prazer, é preciso poder auto-determinar nossa própria existência. Como defendia Sartre (2011), é preciso ter liberdade.

EM BUSCA DE UMA GEOGRAFIA ROMÂNTICA

Os estudos relacionados a esta geografia têm contribuído para que a compreensão da

relação natureza-sociedade inclua a perspectiva da experiência. Mais do que isso, a partir de uma postura crítica sobre o conhecimento, tem permitido repensar o sentido de tais termos, tendo um profundo sentido ético e teleológico no que se refere ao sentido da experiência humana sobre a Terra (BERQUE, 1996; 2014).

Ao longo dos anos 1970 e 1980, houve forte participação dos chamados estudos de percepção ambiental na construção de perspectivas de planejamento e de gestão ambientais voltadas para a incorporação das perspectivas das pessoas (TUAN, 1967; LOWENTHAL, 1978). Os estudos dos anos 1990 e início dos anos 2000 trouxeram a importância de valores e de tornar a participação da população mais intensa e ativa, fortalecendo a comunicação entre as várias perspectivas ambientais (crítica, perceptiva, sistêmica).

A Geografia Humanista, localizada mais claramente nos anos 1970 e 1980 (tanto no mundo anglo-saxônico quanto no Brasil), enquanto movimento organizado, ainda reverbera forte na geografia contemporânea, contribuindo para o pensamento das relações natureza-sociedade (MARANDOLA JR., 2013; HOLZER, 2016). Tuan, um de seus mais perenes contribuidores, lançou recentemente **Romantic geography: in search of the sublime landscapes** (TUAN, 2013b). O livro é parte do esforço de passar sua longa trajetória a limpo, como que depurando, para o futuro, as direções para as quais ela aponta (PADUA, 2014). Neste livro, Tuan defende a necessidade de a geografia voltar a ser romântica.

Que romântico é este? É o romantismo vinculado à contraposição histórica ao racionalismo (GOMES, 1996). Desde que a ciência moderna se constituiu como tal, centrada na exclusão do estético, do intuitivo e da experiência, há um movimento do romantismo, que propõe um outro tipo de ciência, na qual a sensibilidade estética e o mundo vivido não estão apartados de nosso pensar o mundo, cuja grande expressão esteve ligada ao idealismo de tradição alemã do século XVIII (SAFRANSKI, 2010), mas que aqui assume o caráter de símbolo de resistência ou alternativa ao racionalismo dominante.

É neste sentido que Tuan almeja uma geografia romântica. Seria aquela que busca se colocar a meio caminho das dicotomias modernas, chamadas por ele de valores polarizados (luz e escuridão, caos e ordem, mente e corpo, matéria e espírito, natureza e cultura, etc.). Além disso, esta geografia seria altruísta, ligada à busca pelo conhecimento e auto-conhecimento, sem ganhos econômicos ou glória pessoal.

Tuan propõe que a geografia **volte** a ser romântica, ou seja, ele compreende que ela o era antes da sua sistematização como ciência moderna, e por isso não me refiro a ela como Geografia, e sim como geografia, remetendo-se ao tempo em que os conhecimentos geográficos não eram vistos como parte de um **corpus** acadêmico-científico.

Esta geografia romântica seria uma busca, uma demanda a ser perseguida, que contemplaria, entre outros, os princípios do entusiasmo e do sublime (TUAN, 2013b). Ela implica ir além da norma. Associa paixão com razão, sentimento com imaginação. Trata-se de uma geografia pensada e vivida intensamente, sem dissociar aquilo que somos daquilo que investigamos.

O sublime nos leva à elevação, ao espanto para com a Terra, às paisagens, às cidades e às realizações humanas. É um senso estético mas é também moral: traz valores tanto quanto

conhecimento.

O entusiasmo nos leva adiante, nos move também conforme há afetação naquilo que estamos envolvidos. Nos faz viver a grande transição cultural e civilizacional, destacada por Tuan (2013b), do natural para os artefatos, aquilo que no decorrer dos tempos, fruto destas múltiplas relações sociedade-natureza, se constituiu nas paisagens que vivemos.

Esta geografia romântica, aponta Tuan, não nega o processo cultural e coletivo de produção de tais transformações, deste devir da relação de cumplicidade Homem-Terra, como a nomeia Dardel (2011). Na verdade, Tuan se preocupa com a inclusão dos indivíduos na compreensão deste processo: os seres que vivem estas paisagens e que animam, por suas vontades e desejos, todo este devir.

Assim, se comumente buscamos compreender a relação sociedade-natureza em nossas geografias, o caminho que estes esforços humanistas nos apresentam é a necessidade de incluir os fenômenos experienciais desta geografia com “g” minúsculo, fundados profundamente em nossas experiências nos ambientes terrestres. É necessário e possível pensar esta grande trajetória civilizatória também a partir da experiência geográfica.

Entusiasma-me pensar que a resposta final de Tuan para esta geografia humanista/romântica seja a paisagem. O subtítulo do livro é “em busca do sublime na paisagem”. O sublime (outro termo caro ao romantismo) contém o sentido de elevação, de transcendência, para que não nos limitemos a uma visão técnica da paisagem, mas que possamos permitir que o encantamento possa produzir para além da razão, a emoção de sentir-se constituinte da própria paisagem.

O caminho que gostaria de apontar com este texto, portanto, é o da não dissociação entre aquilo que sentimos e aquilo que pensamos. Esta é a direção para a qual a geografia romântica reclamada por Tuan (2013b) aponta, pautada em uma compreensão não racionalista do ambiente, que emerge daquela Geografia Humanista dos anos 1970, mas que, atualmente, se direciona para uma perspectiva teleológica e ética da nossa experiência geográfica.

Isso é reforçado quando Tuan aponta a cidade como sublime: exatamente pela possibilidade da realização humana em sua relação com a Terra. Assim, para além de qualquer dissociação constituída pela modernidade, sociedade e natureza são intrínsecas à nossa experiência geográfica de mundo. Compreender as questões relacionadas ao que se convencionou chamar de questões ambientais, portanto, deve assumir esta necessidade, acentuando o papel da percepção e da experiência no debate.

Isso não significa, de forma alguma, psicologismo ou subjetivismo. Não é uma ciência pautada no indivíduo, como fim. Antes, é um recurso metodológico considerar, de um lado, (1) a maneira como os fenômenos se manifestam em nossa experiência; e de outro lado, (2) a multiplicação de experiências nos permite compreender mais profundamente a natureza dos fenômenos geográficos.

A contribuição da Geografia, como ciência, e da geografia, como conhecimento de mundo, se desdobra nesta geografia romântica como provocação para um comprometimento existencial com os problemas ambientais. Trazer as amplas e complexas relações natureza-sociedade para esta dimensão permite dimensionar de outra maneira os problemas contemporâneos, ao mesmo tempo em

que se acentua o enfrentamento à raiz própria de sua fragmentação.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Bertha; et al. (Org.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC, 1995.
- BERNAL, Diana A. **A rosa do deserto**: hidropoéticas do lugar no habitar urbano contemporâneo. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BERQUE, Augustin. **Être humains sur la terre**: principes d'éthique de l'écoumène. Paris: Le Débat; Gallimard, 1996.
- BERQUE, Augustin. **Poétique de la terre**: histoire naturelle et histoire humaine, essai de mésologie. Paris: Belin, 2014.
- BURTON, Ian; KATES, Robert W.; WHITE, Gilbert F. **The environmental as hazard**. New York: Oxford University, 1978.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Carlos: Studio Nobel, 1996.
- DE PAULA, Fernanda C. **Constituições do habitar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- DE PAULA, Fernanda C. Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra. **Geograficidade**, v.5, N.Especial, p.50-65, 2016.
- GALVÃO, Carlos E. P. **Por abismos... casas... mundos**: a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOMES, Paulo C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GRATÃO, Lúcia H. B. Ecoturismo e sustentabilidade: ecos da natureza e da cultura. In: SEABRA, Giovanni. (Org.). **Turismo Sertanejo**: ética, turismo e desenvolvimento sustentável. João Pessoa: Editora Universitária, 2008. p. 208-215.
- GRATÃO, Lúcia H. B. Ecologia da Paisagem ao Sabor da Terra. In: SEABRA, Giovanni. (Org.). **Educação Ambiental**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p.25-38.
- GUERRA, Antonio J.T.; CUNHA, Sandra B. (Orgs.) **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia**. Trad. Marcos Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- HOLDGATE, Martin W.; WHITE, Gilbert (Eds.) **Environmental issue**. London: John Wiley & Sons, 1976.
- HOLZER, Werther. **A Geografia humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.
- JOHNSTON, R. **Geografia e geógrafos**. Trad. Oswaldo B. Amorim Filho. São Paulo: Difel, 1986.
- KATES, Robert W. **Risk assessment of environmental hazard**. New York: John Wiley & Sons, 1978.
- LOWENTHAL, David. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology, **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 51, n. 3, p. 241-260, set. 1961. [Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma nova epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.]
- LOWENTHAL, David. Finding valued landscapes, **Progress in Human Geography**, v. 2, n. 3, p. 373-418, mar. 1978.
- LOWENTHAL, David. **George Penkins Marsh**: prophet of conservation. Weyerhaeuser Environmental Books, 2003.
- MALY, Kenneth. Earth-thinking and transformation. In: MCWHORTER, Ladelle; STENSTAD, Gail (eds.). **Heidegger and the Earth**: essays in environmental philosophy. 2ªed. Toronto: University of Toronto Press, 2009. p.45-61.

- MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, p. 81-94, 2012.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v.3, n.2, p.33-48, 2013.
- MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, E.; et al. (Orgs.) **A diversidade da geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Consequencia, 2016. p.451-466.
- MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Clima Urbano**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MONTEIRO, Carlos A.F. **A questão ambiental no Brasil: 1960-1980**. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1981 (Série Teses e Monografias, 42).
- PADUA, Letícia. "Dear colleague": pensamentos acerca do livro "Romantic geography: in search of the sublime landscape" e outros mais. **Geograficidade**, v.4, n.2, p.81-86, 2014.
- PIGEON, Patrick. **Géographie critique des risques**. Paris: Anthropos, 2005.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RELPH, Edward. Geographical Experience and Being-in-the-World. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Eds.) **Dwelling, Place and Environment**. Martinus Nijhof, 1985.
- SAARINEN, Thomas. Perception of the drought hazard on the great plains. Research Paper no. 106. Chicago: Department of Geography, University of Chicago, 1966.
- SAARINEN, Thomas. **Perception of environmental**. Washington: AAG, 1969.
- SAFRANSKI, R. **Romantismo**: uma questão alemã. Tradução de Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Terra dos homens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SAUER, Carl O. A educação de um geógrafo. **Geographia**, Niterói, ano II, n.4, p.137-150, 2000.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. (Tradução: Eloá Jacobina). São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.
- SMITH, Keith. **Environmental as hazard**: assessing risk and reducing disaster. 4ed. London: Routledge, 2004.
- TRICART, Jean. Premier essai sur la géomorphologie et la pensée marxiste. **La Pensée**, n. 47, p. 62, 1953.
- TRICART, Jean. La géomorphologie et la pensée marxiste. **La Pensée**, n. 69, p. 56-76, sept./oct. 1956.
- TUAN, Yi-Fu. Attitudes toward environment: themes and approaches. In: LOWENTHAL, D. (ed.) **Environmental perception and behavior**. Chicago: University of Chicago, 1967. p. 4-17.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012a.
- TUAN, Yi-Fu. **Humanist Geography**: an individual's search for meaning. Stauton: George F. Thompson, 2012b.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013a.
- TUAN, Yi-Fu. **Romantic geography**: in search of the sublime landscapes. Madison: The University of Wisconsin Press, 2013b.
- WISNER, Ben; BLAIKIE, Piers; CANNON, Terry; DAVIS, Ian. **At risk**: natural hazards, people's vulnerability and disasters. 2ªed. London: Routledge, 2004.
- WRIGHT, John K. **Terrae incognitae**: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, p.4-18, 2014.

